

A CONSTRUÇÃO DA DIMENSÃO SIMBÓLICA

DA PERSONAGEM MARIA LIONÇA: uma exaltação a terra, a mulher e a mãe

Alexandre Carlos Silva PEREIRA

Ivane Santos DINIZ

Gleiciane Costa PINHEIRO¹

Resumo: O presente artigo analisa o universo de Miguel Torga e a sua estima pelo homem como um deus na terra, aquele que tem o poder de mudar seu destino e carregar o fardo de sua existência. Através do seu realismo literário, permaneceu entranhado à visão de mundo do escritor, o retrato do humano e do desumano, sem maiores pretensões, além de mostrar ao homem como ele realmente é. As personagens são colhidas do cotidiano, do mundo rústico das montanhas, extremamente humanas. A personagem homônima do conto Maria Lionça, da obra *Contos da Montanha*, personifica a ruralidade e a dignidade daqueles que, apesar de analfabetos, se impunham pelo respeito, pela sua sabedoria popular empírica, ainda que o destino lhes reservasse uma vida de sofrimento e de habitual resignação à miséria e à desgraça. O conto apresenta um conjunto bem estruturado de elementos que compõem o humano em Miguel Torga. Nesses contos, a terra, a morte e a vida confundem-se, como essências da própria existência do ser humano.

Palavras-chave: Semiologia. Maria Lionça. Presencismo. Personagem.

Todos nós criamos o mundo à nossa medida. (...) O meu tinha de ser como é, uma torrente de emoções (...) e intelectões a correr desde a infância à velhice no chão duro de uma realidade proteica, convulsionada por guerras, catástrofes, tiranias e abominações, e também rica de mil potencialidades, que ficará na História como paradigma do mais infausto e nefasto que a humanidade conheceu, a par do mais promissor. Mundo de contrastes, lírico e atormentado, de ascensões e quedas, onde a esperança, apesar de sucessivamente desiludida, deu sempre um ar da sua graça, e que não trocaria por nenhum outro, se tivesse de escolher.

Miguel Torga

¹ Alunos de Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão.
Contato: carlos.xue@hotmail.com



1 O ESCRITOR, MIGUEL TORGA

O legado da obra deixada por Adolfo Correia Rocha, ou simplesmente Miguel Torga, é singular além de um primoroso hino à vida e à liberdade. O poeta e escritor nascido em São Martinho da Anta, Trás-os-Montes, antes de se tornar conhecido, teve uma infância difícil, chegando a trabalhar em uma fazenda de seu tio, na região de Minas Gerais, no Brasil, após ter abandonado os estudos, em Portugal.

Tempo depois, Miguel Torga regressou a Portugal e cursou Medicina, na Universidade de Coimbra. Durante esse período, manteve contato estreito com o grupo inicial da Revista *Presença*, que tinha por objetivo a luta pela crítica livre contra o academismo literário, pois Torga recusava-se a pertencer a escolas ou movimentos. Por volta de 1930, estava já afastado do grupo, por entender que havia uma tendência de imposição de limites à liberdade criativa pela qual se esforçou em defender. Logo após, juntamente com Branquinho da Fonseca, funda a Revista *Sinal*, que teve um único número publicado.

Em 1934, Adolfo Correia Rocha utilizou pela primeira vez o pseudônimo Miguel Torga, para a publicação de *A Terceira Voz*; em 1936, participou do lançamento da Revista *Manifesto*, com cinco números editados. Mais tarde, afastou-se dos grupos literários para se dedicar às suas obras e também à medicina.

As obras de Miguel Torga abordam o homem e a sua relação com a terra e os seus dramas no mundo. A sua escrita trágica sempre deixou que a solidão, a morte e as tragédias pessoais dessem tom peculiar às suas narrativas; um "desespero humanista", uma problemática religiosa e um sentimento telúrico são três linhas de rumo que direcionam toda a obra literária do escritor português, sendo que a revolta e o inconformismo são, frequentemente, tradutores desse desespero humanista que resulta de um desespero religioso mais profundo e que o coloca em permanente conflito entre o divino e o terreno. Porém, os ideais da construção de uma literatura viva e espontânea, proposta pelo Presencismo, certamente não o abandonaram, porque sua obra tem personalidade, antepõe o individual a despeito do coletivo, e é rica em conteúdo, além de ser profundamente original. Retrata o humano e o desumano, sem maiores pretensões além de mostrar ao homem como ele realmente é. As vidas embrutecidas e pobres, desprovidas até do essencial para a sobrevivência, assustam os leitores desavisados. Assim, nesses ambientes, de personagens rústicos, mas ao mesmo tempo humanos, é

que se desenrolam as tragédias, as alegrias e os desejos realçados pelo estilo singular do escritor.

Torga não pretende revelar com sua escrita trágica e neo-realista, ou moralizar, mas exibir a humanidade em conflito. O homem é um enigma a ser revelado, e Torga torna isso sua mais incessante busca. Ao revelar o enigma, constrói a figura humana barbarizada, redentora e intemporal. Atrás de encontrar de pureza no homem, avança a rusticidade das aldeias transmontanas, onde o progresso da planície ainda não havia corrompido os costumes. O escritor, ao se deparar com o enigma a ser desvendado, compreendeu o homem, por meio da análise interior e tornou-se desassossegado, como é possível comprovar nas publicações de seu *Diário*, que não raras às vezes relatam essas inquietações. Entre a vida e a morte, há dor e esperança: para Torga, o verdadeiro sentido de ser e estar no mundo depende da convivência com o próximo.

A obra *Contos da Montanha* é uma coletânea de contos que melhor retrata o cotidiano das aldeias portuguesas, seus costumes, sua cultura e a convivência entre os semelhantes; os pequenos universos de simplicidade e de grandeza lusitana. Miguel Torga eleva a terra primitiva e seus habitantes ao excelso estado de sacralidade, pelo combinado de clareza e de consciência do sentido calamitoso da vida. Massaud Moisés analisa a essência do poeta como a procura impaciente de converter em realidade todo o sentimento de solidariedade em meio à solidão do homem. E afirma:

Toda essa extensa e variada obra gira em torno da mesma ideia motivadora: Miguel Torga é sempre o mesmo homem de pés fincados na terra transmontana, porque nela espera encontrar a explicação para a condição humana, imediatamente transformada em sua mente num problema teológico-existencial, armado ao redor de indagações-chave, do gênero “quem somos?”. Do jogo paradoxal em que se envolvem as perguntas, nasce-lhe a revolta, indignada e violenta algumas vezes, serena e branda outras, mas orientada contra tudo quanto constitui a “circunstância” na qual está mergulhado, e logo transfigurada numa ira titânica contra Elementos de Deus, cujo poder não consegue compreender, aceitar ou abater (MOISES, 2008, p. 367).

Torga revela um Portugal agrário, onde ainda se recorre a sentimentos nobres como a abnegação, a afetividade e a compaixão. As personagens dos contos se limitam a viver suas vidas num ambiente de privações, mas extremamente grandioso em riquezas humanas e naturais. As histórias são harmoniosamente construídas e fluem com naturalidade. Miguel Torga faz sua análise no universo edênico das montanhas,

onde de fato se torna possível a compreensão da sociedade, não porque se trata de um ambiente onde os homens vivam com poucos recursos, mas porque a naturalidade de suas ações e contradições confronta-se com as concepções da sociedade moderna e progressista.

2 MARIA LIONÇA, O ESPELHO DE SUA PRÓPRIA TERRA

Maria Lionça, um dos contos da obra *Contos da Montanha*, reflete bem a condição naturalista das coisas em que Miguel Torga verifica a força que move os atos de personagens transmontanos, agregados ao cosmo; o caráter e a conduta passam a ser modelados pela pureza que caracteriza o mundo, além dos montes.

A personagem compõe todo o universo de Galafura, local que serve de cenário para os fatos, ao mesmo tempo em que se cobre de um significado fortemente simbólico. A Galafura descrita pelo narrador, de maneira intensa e rica em detalhes, é considerada um solo humilde e sacralizado, de difícil acesso, que requer duas horas de “penitência” até que se alcance o “talefe do mundo”. Desse modo, aos poucos, o narrador descreve Galafura personificada com todos os sentimentos humanos do povo transmontano. A terra assume a condição de expectador coletivo, que reage, apropriadamente, de acordo com o rumo do enredo, conforme se pode perceber em alguns trechos e na seguinte passagem do conto: “E Galafura, solidária com a grandeza humana da Maria Lionça, dispôs-se a esquecer de todas as ofensas e a receber festivamente a ovelha desgarrada” (TORGA, 1996, p. 19).

Fica claro que a personificação da pequena terra de Trás-os-montes é a mais espirituosa maneira de dar à personagem Maria Lionça suas condolências e reverências de como a terra e a figura da mulher lendária são semelhantes em sofrer silenciosamente, pois “o eu sentia por dentro, era o segredo da sua serenidade.”

Galafura, vista de terra chã, parece o talefe do mundo. Um talefe pelo tempo, mas de sólido granito. Com o céu a servir-lhe de telhado e debruçada sobre a Varosa, que corre ao fundo, no abismo, quem quiser tomar-lhe o bafô tem de subir por um carreiro torto, a pique, cavado na fraga, polido anos a fio pelos socos do Preguiças, o moleiro, e pelas ferraduras do macho que leva pela arreata (TORGA, 1996, p. 15).

Littera Online

O narrador dá à terra transmontana o ar de superioridade quanto às dificuldades encontradas em permanecer firme e quase inacessível, como se isso a cobrisse com o manto da sacralidade, onde só através do esforço do viajante se pudesse chegar a expiação divina. Segundo Chevalier e Gheerbrant, o simbolismo da montanha está no que elucida uma junção da terra ao céu, “vista do alto, ela surge como a ponta de uma vertical, é o centro do mundo.” (1998, p. 616) Na medida em que ela é alta, vertical, elevada, próxima do céu, ela é o símbolo de transcendência. Logo, Maria Lionça carrega sob a metáfora de “o sol de Galafura” a sua porção de sacralidade, de transcendência, amparada pela sua condição telúrica de sofrimento.

Qualquer coisa de singular a preservava do monco das constipações, dos remendos mal pregados, das nódoas de mosto nas trafegas. Airosa e desenxovalhada, dava o mesmo gosto vê-la a guardar cabras, a comungar ou a segar erva nos lameiros. E quando, já mulher, se falava pelas cavas nas moças casadoiras do lugar, nenhum rapaz lhe pronunciava o nome sem uma secreta emoção. Além de ser a cachopa mais bonita, dada e alegre da terra, era também a mais assente e respeitada. Quer nas mondas, quer nas esfolhadas, o seu riso significava tudo menos licença. E ninguém lhe punha um dedo (TORGA, 1996, p. 17).

E na frase seguinte, a mesma condição de indelével emoção e inacessível acesso à Maria Lionça relembra a dificuldade que é embrenhar-se no caminho à Galafura. E é o que parece ao narrador; afirma que “olhavam-na numa espécie de enlevo, como a um fruto dum ramo cimeiro que a natureza quisesse amadurecer plenamente, sem pedrado, num sítio alto onde só um desejo arrojado e limpo fosse colher.” (TORGA, 1996, p. 17) Maria Lionça brilha como a luz sol, por possuir características tão semelhantes e virtuosas quanto a sua própria terra; “na pessoa de Maria Lionça convergiam todas as virtudes da povoação” (TORGA, 1996, p. 17).

Concebida assim, Maria Lionça equipara-se à montanha, admirada como um “fruto dum ramo cimeiro” que fosse difícil apanhar. Semelhante referência é apontada numa única frase, logo encadeada pela Maria Lionça para compor uma igualdade entre ela e a pequena terra de Trás-os-montes, e é desvelada claramente essa relação: “Lá, é uma rua comprida, de casas com craveiros à janela, duas quelhas menos alegres, o largo, o cruzeiro, a igreja e uma fonte a jorrar água muito fria. Montanha. O berço digno da Maria Lionça” (TORGA, 1996, p. 15).

2.1 Maria Lionça – Uma Exaltação a Terra, a Mulher e a Mãe

O conto *Maria Lionça* relata a trágica história da personagem homônima, mulher transmontana, nascente de toda a pureza e dignidade, e que teve sua vida cercada de solidão e esperança, dois elementos que se contrastam em uma relação em que se faz perceber o sentido do drama da condição humana: o quanto se pode suportar a vida. A narrativa, então, faz recorrência ao destino como artífice de toda a desgraça de Maria Lionça. Da menina que trazia no rosto, durante a meninice e a mocidade “dois olhos negros e perscrutadores” à mulher que se tornaria “a expressão humana dum sofrimento” que só o destino, fiel às misérias do mundo e do povo de lá, saberia reservar o pesado fardo da vida, Maria Lionça nasceu já para ser uma lenda, “torná-la imune à desgraça seria desenraizá-la do torrão nativo”. (TORGA, 1996, p. 18) O destino se configura, por tanto, como a personificação do trágico, por dar voz ao inexplicável, ao inexorável das situações. A despeito das fatalidades, Maria Lionça torna-se a figura idônea e exemplar para representar todo o caráter montanhês perseverante, que enfrenta todas as adversidades possíveis e torna-se digna de respeito e admiração: a lendária senhora de Galafura.

De qualquer modo, tanto a terra quanto Maria Lionça encontram-se num enlace imensurável em que uma perpetuará o nome da outra, e vice-versa, por toda a eternidade, porque estão intrinsecamente ligadas, pela própria condição trágica. A morte, elemento que sustenta a construção do mito, transpassa a vida e “A superação da morte é o ato de redenção”, (LUCKER, 2003, p. 421). Por isso, está assegurado o indício de que a morte de Maria Lionça tem um significado especial no conto. Na óptica de Torga, a morte do indivíduo é recuperada pela terra que o faz ressuscitar.

(...) a narração de sua vida é agora introduzida pelo episódio da sua morte, querendo significar que a morte tem um efeito epifânico, um poder iluminante sobre o que ficou para trás e se chamou vida. Ou seja, é à luz da morte que se deve ler a legenda aludida no *incipit* e cuja essência é constituída pelos acontecimentos de que se tecera a vida de Maria Lionça (FERNANDES, 1997, p. 325).

Assim, à luz da morte, sob a incredulidade de todos, até mesmo do prior, nos primeiros parágrafos da narrativa, fica claro que Galafura perdia a sua lendária figura, “a expressão humana do sofrimento”, a fonte de vida, a mãe, a mulher que nutria o solo de Galafura e, com isso, esta terra se alçava a níveis mais elevados. Maria Lionça

havia falecido, havia expirado da terra, porém deixava para a história de Galafura o relato enlevado de sua trajetória briosa e sublime que, sem dúvida, imortalizaria seu nome como o mito do povo transmontano.

O conto é narrado em tempo não linear, para explicar a história de Maria Lionça e traz em seu bojo a conotação religiosa e mística. É dessa maneira de contar que a narrativa encontra o caminho no tempo e no espaço para trazer a importância da personagem Maria Lionça ao povo da terra transmontana, à luz da morte; pois a esperançosa e sofredora Maria já está inserida no coletivo e na memória do povo de Galafura como quem superou a morte e se eternizou como mito. A morte inesperada, sob a incredulidade de todos, deixa que a fatalidade instaure entre os habitantes de Galafura o vazio, a escuridão e a respeitosa lembrança daquela que carregou, mais que qualquer outro, o espírito montanhês no malogrado peito. Mas é pela fidelidade à terra que Maria Lionça ganha espaço na subjetividade da povoação, que acaba por fazer de sua existência um símbolo de Galafura; eternizado-a através da linguagem como o mito, uma lenda de todo o sofrimento de suportar o insuportável.

Depois desses parágrafos que descrevem a morte de Maria Lionça, o que se descortina é a vida da mulher montanhosa que se torna esposa e mãe. Sob o olhar de Galafura, “embora igual às outras, pela pobreza e pela condição, havia à sua volta um halo de pureza, que simbolizava a própria pureza de Galafura. Quem é que merecia a dádiva de uma riqueza assim?” Teve de aparecer Lourenço Ruivo, jovem que acabara de voltar a Galafura, filho da terra transmontana, mas que não tinha o polimento moral que a aldeia pensava que tivesse dado a ele, e que só depois se saberia que apenas calos gerados pelo rabo do enxadão não fariam dele o companheiro que a rapariga merecia. Ao contrário do que a terra de Galafura esperava da continuidade da felicidade de Maria Lionça, iniciou-se ali sua tragédia diária, que poderia consumir a muitos. Mas, com ela ocorreu o contrário: as pequenas tragédias a tornaram mais humana e acolhedora como a própria terra.

Galafura, depois do arroz doce, pôs-se confiada à espera das manhas e artimanhas da vida, todos sonhavam para os dois a ventura que não tinham tido. (...) *Mas* só o destino, fiel às misérias do mundo, sabia que fora reservado à Maria Lionça um papel mais significativo. (...) Torna-la imune da desgraça seria desenraizá-la do torrão nativo (TORGA, 1996, p. 18).

Littera Online

Contudo, a mulher Maria Lionça nunca se deixou abater, “fazia do absurdo o pão da boca” (TORGA, 1996, p. 21), e sempre esteve firme “ao leme do pequeno barco.” (TORGA, 1996, p. 19) E aqui está a força atribuída à mulher em Miguel Torga, a mulher de grandeza inabalável, que não abandona a serenidade ao maior abalo, que enfrenta as diversidades de cabeça erguida e que não acrescenta a mínima queixa às fatalidades, tampouco deixa de ser “fiel ao amor jurado” ao marido, que a abandonou e depois regressou, corroído de doenças e de vícios. Quando o filho nascera “gordo, caladão, rosado”, Maria Lionça ficou “como todas as mulheres da montanha, que no meio do amor enviúvam com os homens vivos do outro lado do mar” (TORGA, 1996, p. 18), pois o rebento é apontado como a causa principal da deserção de Lourenço, cuja responsabilidade aguardada o acovardou e o fez partir de Galafura, para se aventurar nas terras brasileiras. Teve que esperar anos a fio nessa relação harmônica entre a solidão e a esperança. Com o filho agarrado às saias, como sinal de seu tributo de mulher à vida, “mourejava de sol a sol para manter as courelas fofas e gordas”. (p. 19) Se o marido desertara, era mais um motivo para que se mantivesse firme e corajosa no cuidado de tudo.

Todavia, doente e miserável, o Ruivo regressou “... Mas nada de aflições. Voltava só pra morrer” (TORGA, 1996, p. 20). Acolhido pela generosidade de Maria Lionça, essa perdoou-lhe todas as ofensas, algo que representa a sua grandeza humana diante do convalescido, assim como a terra, figura de mãe, que o perdoou e se tornou depositária de seus ossos descarnados. “Galafura, (...) se não podia apertar nos braços generosos um corpo comido dos vícios do mundo, queria que ele respirasse ao menos livremente o seu ar puro” (TORGA, 1996, p. 20). Nesse sentido, tanto a mulher quanto Galafura representam a figura de mãe, um “arquétipo feminino, simbolizando todas as fases da vida, fertilidade, renovação eterna e renascimento, proteção, abrigo, calor, e nutrição” (BECKER, 1999, p. 186).

Ainda que em luto pelo seu amor atraído, Maria Lionça “nem chorou fora dos limites da melancólica negrura que lhe apertava o coração” (TORGA, 1996, p. 21), mas Pedro, seu único filho, “envergonhado dum pai que lhe passara apenas pelos olhos como um fantasma de podridão” (TORGA, 1996, p. 21) não resistiu à decepção e perdeu-se no mar, que segundo Lopes (1993) é um seio de perdição que desgraça os que sucumbem ao seu apelo que, por sua vez, fazem a infelicidade dos que a eles estão ligados; é um espaço perigoso e ameaçador que “representa o ser sem fronteiras, um

Littera Online

lugar onde se pode facilmente se perder e por isto representa a amplitude sem limites da vida e a forma de como alguém pode facilmente se perder na jornada da vida (BECKER, 1999, p. 188).

Pedro torna-se marinheiro, uma decisão impetuosa e de caráter “movediço como a insensatez da sua idade”. Rompe, tal como o pai, com o que dele se esperava. E mais cedo ou mais tarde, o saberia Galafura, uma imagem difusa e de pouca nitidez, diluída na imensidão das águas, e “sumir-se-ia irremediavelmente na consciência da povoação, sem a ajuda de Maria Lionça” (TORGA, 1996, p. 22). O que é o esquecimento, senão uma maneira de a morte ser representada. Essa seria a resposta de Galafura ao filho ingrato que teima em desolar mais uma vez a pequena grande Maria, que só o tempo soube lhe dar “as chaves daquela existência, destinada, afinal, mais às provações do sofrimento do que ao gosto das alegrias.” (TORGA, 1996, p. 21-22) Contudo, Lionça não se retraiu e continuou firme, “*numa* permanência que resgatava a traição do marido e a fraqueza do filho.” (TORGA, 1996, p. 21, grifo do autor) Enraizada e a postos, permaneceu elevada à espera de mais um regresso, dessa vez, do filho Pedro.

À mulher-mãe-terra cabe uma nova missão: mais um sonho desfeito, tal qual o pai, Pedro retorna, morto, trazido no comboio, pelos braços da mãe. “(...) A aldeia, em espanto, comoveu-se com o filho morto em seus braços de sessenta anos. Como pudera com ele, embora magro? Sem lágrimas nos olhos, falava-lhe com ternura: " - Dói-te, filho? Dói-te muito? Pois dói... Dói..." (TORGA, 1996, p.23).

Mais um filho trazido para Galafura, perdido, e com a menção de que os transmontanos estão entranhados a terra e sempre voltam, nem que seja para dormir o derradeiro sono, na pequena terra de Trás-os-Montes.

Os perfis de cada personagem da família estão claramente delimitados, pressupondo uma antítese de qualidades. Apesar de vivenciar o máximo sofrimento, o abandono e a pobreza, Maria Lionça representa a permanência, a fidelidade e a coragem. Lourenço Ruivo e Pedro retornam do mundo disperso em que apenas figuravam com pouca nitidez para o “regaço eterno de Maria Lionça”, onde a vida de fato tem valor. O marido e o filho representam a deserção, os vícios e a covardia. Enquanto isso, os bons valores humanos são ressaltados na personagem Maria Lionça, o ar de sacralidade e o respeito se acrescentam à personagem como uma ideia de superioridade moral, acima dos padrões da gente de Galafura. Maria Lionça resiste a um

mau casamento, à criação solitária do filho, à deserção do marido e do filho e à espera incondicional e sem limites, pois é fiel ao marido, ao filho e a terra. Apesar de todo o sofrimento, ela não se abate, não desalinha a regularidade de suas ações. O narrador a aponta como “velha, branca e igual” (TORGA, 1996, p. 21), assim como a montanha que “exprime as noções de estabilidade, de imutabilidade e pureza”. (CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A., 1998, p. 616)

Galafura compreende as razões da existência de Maria Lionça: ser destinada mais às provações do sofrimento, pressupondo assim, a sua grandeza interior. O que confere à sua figura o título de lenda, mito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem de Miguel Torga está desnudada no cotidiano no homem de todos os tempos e lugares, daí o seu caráter universal que a faz perpassar os ditames da temporalidade. Os contos torguianos acabam por fazer uma viagem aos mais recônditos conflitos humanos, em que a força e a beleza do feminino, diante dos reflexos sociais, no interior de Portugal. Suas personagens trazem o genuíno habitante da montanha. Para Torga, “onde estiver um transmuntano está qualquer coisa de específico, de irredutível. (...), mesmo transplantado, ele ressuma a seiva de onde brotou. Corre-lhe nas veias a força que recebeu dos penhascos, hemoglobina que nunca se deteriora.” (Torga, 1969, p. 60) Ao adentrarmos no panorama humano das aldeias transmuntanas descobrimos em cada esquina os rostos descritos no universo de Torga. São personagens nascidas nas dificuldades do frio cortante das montanhas, que passam pela vida com a visão irônica de todo o meio do qual provêm as tradições, as crenças, o trabalho, a religião.

Maria Lionça, do conto homônimo da obra “Contos da montanha”, é umas das diversas personagens que nos mostra o universo regionalista de Miguel Torga. Mulher que aceita com dignidade a sua sina, sem contestá-la, ao resignar-se à miséria e à dor. O sentimento de resignação, característico de Lionça, diante da dor e da fatalidade da vida, fez com que ela se tornasse um mito, na pequena terra Galafura.

Do mesmo modo, o próprio mito também é coberto de dor, pois a dignidade do mito é mais forte do que a de uma heroína carismática. Maria Lionça representa uma figura arquetípica demasiadamente humana, que se anula e dá passagem para a mãe, a que cuida do filho e sonha com a volta do amor que a vida levou. O que é contado pela

povoação e está inserido na memória coletiva é a história da personagem tragicamente racional, que vive os temas que sustentam a vida humana, que perpetuam civilizações e formam a saudosa lembrança do símbolo de esperança e de sofrimento através dos séculos. Isso retrata os profundos mistérios que fizeram a mulher transmontana capaz de suportar o pesado fardo dos ossos da morte na dura vida na terra de Trás-dos-Montes. Além disso, o conto engendra a experiência da morte sob o elemento trágico da impossibilidade de abarcar o imensurável sentido da vida, que por duas vezes traiu Maria Lionça. O destino acaba por recompensá-la com o retorno inevitável de Lourenço e com o resgate do filho morto, sendo que ambos, apesar da presença da morte, descansam em seu colo, na raiz do seu regaço protetor e nas entranhas da terra-mãe.

Enfim, a personagem Maria Lionça retrata muitas mulheres que permaneceram na terra, a lavrá-la, amá-la e respeitá-la, enquanto os companheiros perseguiam os sonhos de melhores condições sociais, quando a emigração era vista como a grande promessa. Muitos voltavam arruinados, adoentados, desesperançosos, mas voltavam à terra em que nasceram, ainda que fosse para morrer nos braços das fiéis mulheres que ali ficaram, sem sonhos, sem nada.

REFERÊNCIAS

BECKER, Udo. **Dicionário de Símbolo**. São Paulo: Paulus, 1999.

CHEVALIER, J. e GHEERBRANT, A. **Dicionário de Símbolos** 12. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1998.

FERNANDES, A. Augusto. **Maria Lionça: Escrever direito pelas linhas tortas da vida (uma abordagem didáctica)**. IN: Revista Máthesis 6. 1997.

LOPES, Teresa Rita. **Torga e a Portugalidade**. IN: FERNANDES, Francisco Cota. **“Sou um homem de Granito” - Miguel Torga e seu compromisso**. Lisboa: Edições Salamandra, 1993.

LURKER, Manfred. **Dicionário de Simbologia**. Tradução Mário Krauss e Vera Barkow. 2. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa**. 36ª reimp. São Paulo: Cultrix, 2008.

TORGA, Miguel. **Maria Lionça**. IN: **Contos da Montanha**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

TORGA, Miguel. **Trás-os-montes no Brasil. Traço de união**. 2ª ed. revista. Coimbra,

Ed. do Autor, 1969.

A CONSTRUÇÃO DA DIMENSÃO SIMBÓLICA

DA PERSONAGEM MARIA LIONÇA: uma exaltação a terra, a mulher e a mãe

ABSTRACT: This article analyzes the universe of Miguel Torga and their esteem by the man as a god on earth, one that has the power to change his fate and the burden of its existence. Tied to his literary realism remained deep-seated its world view the picture of human and inhuman, no greater pretensions than to show the man as he really is. The characters taken from everyday life, the rural world of the mountains, very human. Thus, for example, the character Maria Lionça, Tales of the work of the Mountain, embodies the rural and dignity of those who, though illiterate, were imposed by respect for their wisdom empirical, although the destination you book a life of suffering and you get used to poverty and disgrace. From the character's name, which already has a symbolic dimension, the analysis extends to the tale, in search of all that makes up the human Miguel Torga: earth, life and death as the essence of his own existence.

Keywords: Semiology. Maria Lionça. Presencismo. Character.